

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS DO FUNDAMENTAL/ANOS INICIAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESPECIALIZADA

Emyna Assunção Nascimento (autora)<sup>1</sup>

Thalia Beatriz Cascaes Fagundes (autora)<sup>2</sup>

Jailma do Socorro Uchoa Bulhões Campos (orientadora)<sup>3</sup>

Este texto possui como objetivo principal relatar e discutir sobre o ensino-aprendizagem de crianças surdas e seu desenvolvimento na área da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como sua L1, e a Língua Portuguesa escrita como L2. A experiência foi vivida durante nosso estágio no subprojeto “Práticas literárias para alunos surdos” desenvolvido na Unidade Especializada Prof. Astério de Campos, escola situada em Belém, capital do Estado do Pará.

A escola Astério de Campos, além do aspecto acadêmico, se dedica em oferecer habilidades sociais e emocionais aos discentes por intermédio de projetos e atividades que incentivam a autonomia, a criatividade e a autoconfiança da pessoa surda, buscando atender as necessidades individuais de cada aluno e visando acolher, principalmente, a criança surda que tem seus próprios mecanismos linguísticos. Portanto, foi nossa prioridade observar as interações aluno x aluno e professor x aluno nas aulas de L1 e L2, aspirando compreender o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido.

Durante nossa jornada de acompanhamento em sala de aula, conseguimos observar a existência de uma variação linguística de sinais relevante utilizada pelas crianças dentro do ambiente de ensino. Sejam sinais caseiros (sinais que utilizam para facilitar a comunicação com a família) ou sinais regionais (sinais nacionais que foram adaptados pela comunidade surda de uma determinada região), o fato é que se torna mágico observar as crianças se comunicando da sua maneira e dentro das suas limitações.

A esse respeito, Pereira e Vieira (2009) apontam que a aquisição da língua mãe de uma criança surda possibilitará a ela o desenvolver linguístico e também o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo emocional. Nesse sentido, a aprendizagem da L1 da criança que apresenta surdez implica diretamente na sua identificação com o mundo surdo. Um fator crucial

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras-língua portuguesa da Universidade Federal do Pará, [emynaassuncao00@gmail.com](mailto:emynaassuncao00@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras-língua portuguesa da Universidade Federal do Pará, [thaliafagundes12@gmail.com](mailto:thaliafagundes12@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Multimédia em Educação pela Universidade de Aveiro/Portugal, [jailma@ufpa.br](mailto:jailma@ufpa.br)

para que essa aquisição de língua seja feita com vigor é a participação dos profissionais surdos que abrangem o contexto escolar. Moura e Vieira (2005) salientam que para a construção de uma identidade surda, é necessário um modelo de surdo adulto, que sirva como base de uma imagem positiva de ser um sujeito surdo e de ser um não-ouvinte. Portanto, reconhecemos a relevância da formação de professores surdos para atuarem nas práticas escolares, a fim de que as crianças e adolescentes surdos se sintam acolhidos no ambiente escolar.

Como foi dito anteriormente, a criança surda já chega à escola com sua maneira específica de se comunicar, tanto pelos sinais ditos caseiros quanto por uma oralização que normalmente se dá pela convivência com pais ouvintes, que é o caso das crianças com as quais convivemos durante o período de acompanhamento. É imprescindível o acolhimento no âmbito educacional desses alunos e é necessário reconhecer que a aquisição da Libras propriamente dita e do português escrito é um processo gradativo que exige paciência e empatia por parte dos educadores e seus auxiliares, resultando em uma sala de aula com práticas humanizadas.

Segundo Vygotsky (1989), a linguagem é o meio que insere de fato um sujeito na sociedade, além de internalizar, organizar e estruturar os pensamentos desse sujeito. Nesse viés, ao observarmos a construção diária do vocabulário e a forma de ensino e aprendizagem da criança surda no que diz respeito à L2, preferencialmente na modalidade escrita, verificamos que há um trabalho no sentido de oportunizar uma educação bilíngue para os educandos.

Algumas práticas foram identificadas ao longo do assessoramento em sala de aula. Com maior constância, no ensino da L2 nas turmas de 4º e 5º, os docentes sempre associam imagem, sinal em libras e a escrita em português, levando em consideração que as crianças com surdez possuem *input* visual, o qual facilita na aprendizagem de libras e, conseqüentemente, na aquisição da língua portuguesa escrita (Silva; Sousa, 2015).

Segundo Guarinello (2007), para que aconteça a aquisição de Libras como primeira língua das crianças, é de extrema importância que elas tenham contato direto com adultos fluentes nessa língua, os quais serão responsáveis por passar o conhecimento da estrutura gramatical da Libras e as suas relações pragmáticas. Entretanto, Guarinello (2007) ressalva que os adultos fluentes necessitam, além de ensinar as crianças, ensinar também os responsáveis, considerando que apenas 5% são de responsáveis surdos. Portanto, a Libras, na maioria dos casos, só será inserida na instituição de ensino.

Nesse sentido, se torna válido dizer que é essencial repensar em novas práticas de ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para crianças com surdez, tendo em vista que o conhecimento de língua instituído a partir da Libras dará base para a aprendizagem do português escrito.

Tendo em vista esse entendimento, este trabalho se desenvolve a partir do acompanhamento nas séries iniciais do ensino fundamental, levando em consideração as atividades feitas em sala e o desempenho dos alunos em relação aos exercícios propostos, tanto de L1 quanto de L2. Ao longo da nossa presença na escola, foram observados os comportamentos dos alunos, a gestão do professor e os desafios do ensino-aprendizagem nas atividades de assessoramento feitas individualmente. Assim, esta produção averigua os métodos usados pelos professores em suas aulas associadamente à aprendizagem dos alunos em relação à atividade proposta. Além disso, foram percebidos obstáculos que, infelizmente, resultam em uma dificuldade a mais para ensinar alunos surdos, conforme destacamos a seguir.

Em relação à aprendizagem, foi constatado que os métodos de ensino utilizados em sala precisam ter fins específicos e foco individualizado, pois os alunos, além da surdez, possuem outras condições, como: TDAH, autismo ou deficiência físico-motora, as quais afetam diretamente no modo de ensino e aprendizagem. Foi observado que cada educando recebe um “incentivo” diferenciado. Como exemplo, destacamos que as crianças do 1º e 2º que possuem TDAH precisam de um ambiente calmo e acesso direto ao professor; já estudantes com deficiência motora, verificamos que o educador orienta o aluno a reproduzir o que foi explicado, em língua de sinais, para outro educando, trabalhando assim o conhecimento do assunto e ajudando na motricidade.

Em outras situações, a professora do 1º, 2º e 3º ano notou com quais tipos e modos de ensino os aprendentes mais se adequam, o que a levou a concluir que um dos seus alunos lida melhor com atividades rápidas que envolvam colagem, pintura e criatividade, enquanto outro realiza melhor as tarefas que contenham figuras, em virtude de a Libras ter sido introduzida recentemente em seu cotidiano. Alguns discentes demonstram mais interesse e têm um melhor desempenho quando recebem uma atenção a mais da professora, o que foi notado com mais frequência em alunos com TDAH e autismo. Na sala do 4º ano, o docente faz uso de corte, colagem e desenho, lembrando que tudo é associado a fotos; desse modo, além de deixar a aula mais interativa, é possível tornar o educando mais engajado nas atividades.

No que diz respeito às dificuldades para ensinar os alunos surdos, o maior empecilho percebido foi a escassez de materiais adaptados em Libras. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, em seu Artigo 59, o Estado garante recursos e métodos educativos adaptados para atender as necessidades individuais dos alunos; no entanto, o que observamos ao longo de nosso estágio foi a dificuldade dos professores em montar e achar atividades correspondentes às singularidades dos aprendentes. Supomos que a falta de materiais acessíveis destinado à

educação surda se dá pela ausência de fornecedores e o fato deles desconhecerem a didática desse grupo minoritário.

Campos (2013) aponta que apenas utilizar a Libras no material não é eficaz, pois tornar um material adaptado trata-se de uma construção, e, no caso de alunos surdos, o desenvolvimento da aprendizagem é por meio de imagens. Além disso, outro recurso que pode ser utilizado para facilitar o ensino-aprendizagem da criança surda é o uso das tecnologias assistivas (TA), que, para Carvalho e Manzini (2017), se trata do ramo educacional direcionado para a adaptação de recursos para utilização com os discentes e suas diversas deficiências, com intuito de oferecer um maior acesso à informação, ocasionando avanço educacional e autonomia. Podemos citar como exemplos de TA os aplicativos que traduzem a língua portuguesa para a Libras por meio de um avatar, como: Vlibras e hand talk, ambos muito utilizados no Astério de Campos para favorecer a comunicação dos estagiários com as crianças.

Quadros e Schmiedt (2006) ressaltam que não basta ter um vocabulário enorme de uma língua, é mais produtivo vivê-la e assim ensinar plenamente por meio dela. Nesse viés, cabe destacarmos a problemática do professor que não é fluente em Libras dentro da sala de aula em que há alunos que possuem surdez profunda. O que constatamos no Astério de Campos é que mesmo com a gestão escolar engajada em capacitar os docentes com cursos de Libras, formações extracurriculares e mesmo com o empenho desse corpo docente em busca da fluência na língua e de uma interação maior dentro da comunidade surda, não há ainda fluência na língua nativa dos alunos surdos. Assim, se torna válido questionar se o ensino dentro de uma escola bilíngue deveria funcionar dessa maneira, se o profissional não deveria primeiro ser capacitado para depois exercer o seu papel como professor.

Quando iniciamos o estágio e os acompanhamentos, não sabíamos nada de Libras, apenas alguns cumprimentos, então nosso aprendizado também foi gradativo e foi notório o quanto as crianças se sentiam mais à vontade a partir do momento que conseguimos dialogar com elas na sua língua. Portanto, o domínio na língua materna do surdo é de extrema relevância.

Em suma, sabemos que o modelo de educação bilíngue, mesmo sendo sancionado tardiamente, foi uma conquista inestimável para a comunidade surda. Todavia os percalços que ainda se perpetuam dentro desse contexto de ensino precisam ser ponderados de maneira que evidenciem mais a importância de uma classe acolhedora, proficiente em Libras e com acesso à materiais visuais (TA) que colaborem para a formação escolar do indivíduo surdo.

Dessa maneira, identificamos no processo da aprendizagem da L1 um avanço significativo a partir dos métodos utilizados pelos docentes. Quanto ao processo de aquisição da L2, concluímos que só fica mais evidenciada a associação (sinal+palavra escrita) a partir do

4º ano. Dessa forma, as crianças até o 3º ano possuem aulas com um foco maior em libras.

Assim, nesse agrupado de ideias, destacamos o quão tem sido importante estagiar em uma escola onde a gestão está empenhada em beneficiar os alunos e docentes no aprimoramento em Libras e, assim, desenvolver um trabalho em prol de uma sociedade inclusiva que garanta uma maior participação da pessoa surda nas atividades nos diversos âmbitos sociais.

**Palavras-chave:** Ensino-aprendizagem de Libras; Língua portuguesa escrita como L2; Alunos surdos.

### Referências

BRASIL. Lei nº 9.394 de 1996. [Ministério da Educação]. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 20 de dezembro de 1996.

CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. **Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes**. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (Org.) *Tenho um aluno surdo, e agora?: Introdução à LIBRAS e educação de surdos*. São Carlos: EdUFCSCar, 2013

CARVALHO, Daniel.; MANZINI, Eduardo José (2017). Aplicação de um programa de ensino de palavras em libras utilizando tecnologia de realidade aumentada. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 23(2), 215-232.

GUARINELLO, A. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. Bilinguismo e Educação de Surdos. **Revista Intercâmbio**, volume XIX: 62-67, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.

QUADROS, Ronice; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SILVA, Thaislane; SOUSA, Wilma. O ensino da língua portuguesa escrita, como L2, para estudantes surdos no 5º ano do ensino fundamental. UFPE, 2015.

VIEIRA, M. I. S.; MOURA, M. C. . Língua de Sinais - a clínica e a escola - de quem é esse território. In: Sandra Pavone. Yone Maria Rafaelli. (Org.). **Audição, voz e linguagem: a clínica e o sujeito**. 'ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005, v. 1, p. 109-117.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, editora Martins Fontes, 1989.